O CENTRO
Internacional de Criatividade e IA Aplicada



SUSTENTAR CRITÉRIOS

VOLUME 1

QUE CRITÉRIOS HUMANOS EMERGEM
COMO VITAIS PARA TOMAR DECISÕES
EM ECOSSISTEMAS HUMANO–IA?

Sumário

[01] Introdução 03

[02] Objetivos 04

[03] Metodologia 06

[04] Que critérios humanos emergem como vitais para tomar decisões em ecossistemas humano–IA? 08

[05] Critérios de Ancoragem 10
- Responsabilidade 11
- Intenção 12

[06] Critérios de Expansão 13
- Adaptabilidade 14
- Contexto 16
- Relações e Confiança 17
- Experiência 18

[07] Padrões emergentes 21
- Decisão sem autor 22
- Curadoria como nova autoria 24
- O paradoxo da otimização 25

[08] Fechamento 27

[09] Referências 28

[10] Lista de entrevistados 28



[01]

Introdução

Vivemos um momento em que as decisões nunca foram tão rápidas, nem tão amplamente informadas. A inteligência artificial ampliou de forma significativa nossa capacidade de gerar respostas, analisar cenários e explorar possibilidades, passando a ocupar um papel central nos processos criativos e decisórios dentro das organizações.

No entanto, esse avanço técnico não se traduz automaticamente em maior clareza sobre como decidimos. Ao contrário, à medida que sistemas que reconhecem padrões, sugerem caminhos e otimizam escolhas passam a mediar decisões, torna-se menos evidente o que efetivamente muda quando passamos a decidir com base em suas respostas.

É nesse contexto que emerge uma fragilidade menos visível, porém mais profunda: a tendência de adaptação do próprio pensamento à lógica de inferência das máquinas. A IA expande o espaço do possível, mas não distingue, por si só, o que é relevante, desejável ou significativo. Sem critérios humanos claros, a abundância de possibilidades não amplia a criatividade, mas tende a gerar dispersão.

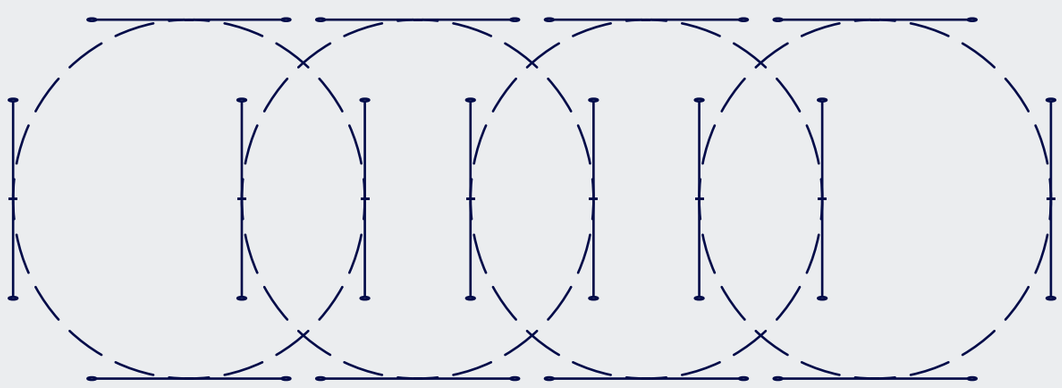
Nesse cenário, o ato de criar desloca-se progressivamente da geração para a escolha. E, de forma semelhante, o ato de decidir deixa de estar associado apenas ao acesso a respostas e passa a exigir a sustentação de critérios que orientem essas escolhas.

[02]

Objetivos

À medida que a IA participa de forma crescente dos processos decisórios, torna-se mais fácil diluir autoria, enfraquecer critérios e tomar decisões sem plena consciência de seus fundamentos. As decisões tornam-se mais rápidas e eficientes, mas nem sempre mais compreendidas, assumidas ou sustentadas.

É nesse ponto que este estudo se insere: investigar quais critérios humanos se tornam indispensáveis em decisões mediadas por sistemas inteligentes.



A presente pesquisa busca compreender como a inteligência artificial está reconfigurando os processos de aprendizagem, criação e tomada de decisão, a partir de um olhar que privilegia não as ferramentas em si, mas os efeitos que sua adoção produz sobre o julgamento humano.

Para isso, o estudo articula perspectivas de especialistas de diferentes áreas, com o objetivo de iluminar os limites, as potências e os desafios que emergem desse novo contexto para o futuro do trabalho, da educação e da produção de conhecimento.

O foco da investigação não está nas aplicações de IA, mas nos efeitos que sua presença produz sobre a forma como decisões são construídas, sustentadas e compreendidas.

A PESQUISA SE ORGANIZA A PARTIR DE 4 QUESTÕES CENTRAIS:

↗ Em que momentos do processo criativo a IA desloca ou preserva o julgamento humano?

↗ Quais práticas e rituais organizacionais mantêm ou recuperam autoria e responsabilidade?

↘ Quando a IA amplia o espaço de imaginação e quando ela o estreita?

↘ Que critérios humanos emergem como vitais para tomar decisões em ecossistemas humano–IA?

A etapa apresentada neste relatório corresponde a uma leitura parcial dessas questões, com foco específico nos critérios humanos necessários à tomada de decisão, a partir de um recorte aplicado aos processos criativos.

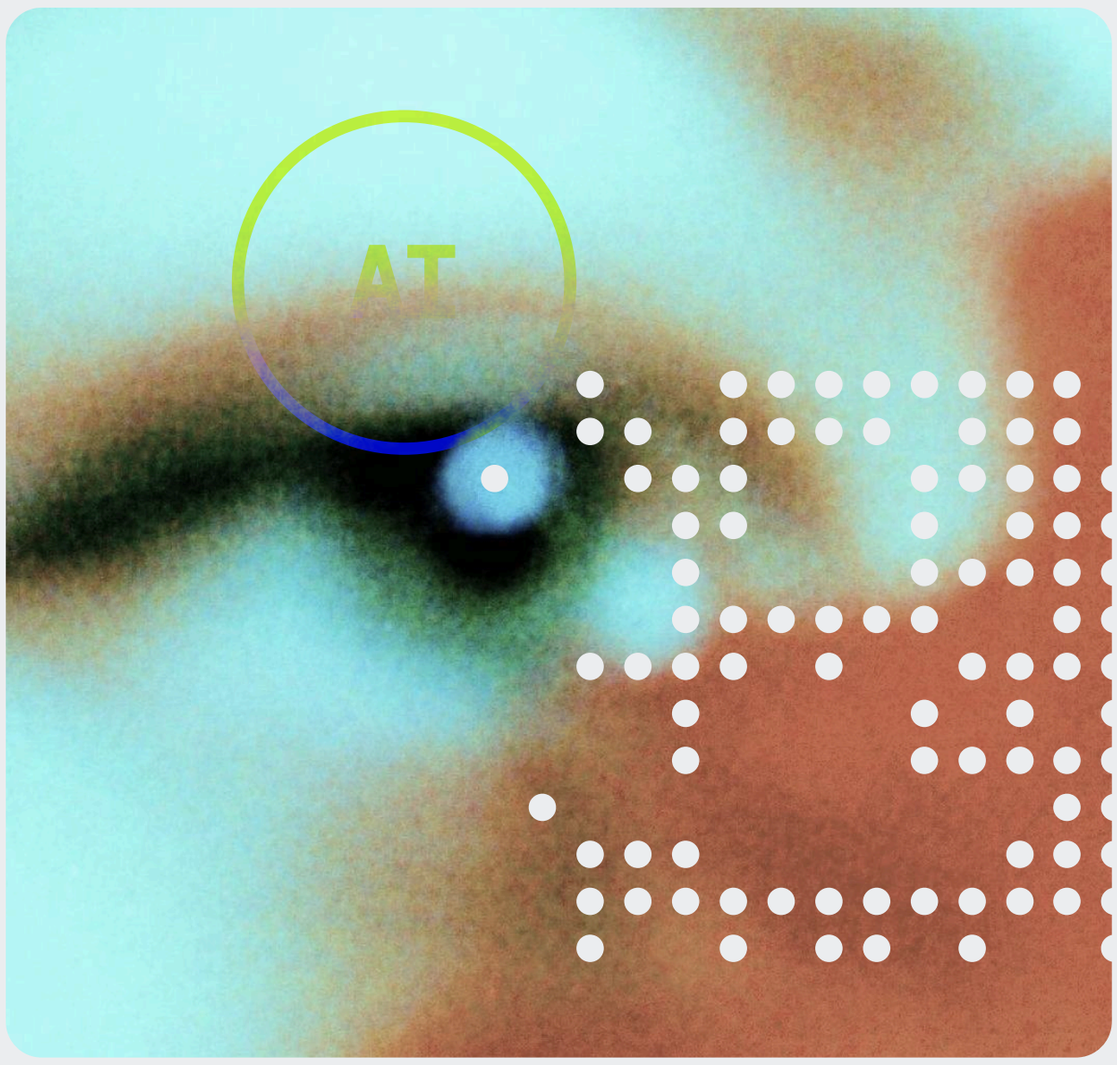
[03]

Metodologia

A pesquisa foi estruturada a partir da combinação de investigação teórica e coleta qualitativa, com o objetivo de construir uma leitura consistente sobre os efeitos da inteligência artificial nos processos de decisão e criação.

Na etapa de imersão, foram analisados relatórios, artigos acadêmicos e publicações especializadas sobre inteligência artificial, criatividade e futuro do trabalho. Esse levantamento permitiu mapear tendências, identificar sinais emergentes e estabelecer um repertório inicial de referências sobre as transformações em curso nos campos da autoria, do julgamento humano e da produção de conhecimento.

A etapa qualitativa foi conduzida por meio de entrevistas em profundidade com especialistas de diferentes áreas de atuação, incluindo pesquisadores, profissionais de mercado, educadores, juristas e lideranças da economia criativa e do conhecimento. O objetivo dessa etapa foi capturar percepções, experiências práticas e leituras críticas sobre o uso da IA em contextos reais de decisão.



A análise do material coletado foi realizada por meio da sistematização e do cruzamento das evidências, buscando identificar recorrências, tensões e padrões emergentes na forma como decisões vêm sendo mediadas por sistemas de inteligência artificial.

Esse processo permitiu consolidar os critérios e padrões apresentados ao longo deste relatório, oferecendo uma leitura estruturada das transformações em curso.



[04]

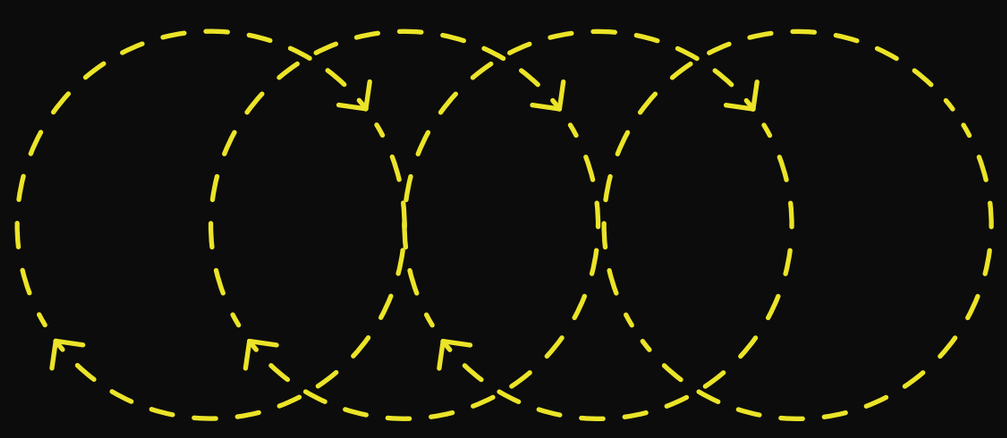
Que critérios humanos emergem como vitais para tomar decisões em ecossistemas humano–IA?

À medida que a inteligência artificial passa a mediar decisões, o desafio deixa de ser apenas acessar respostas e passa a ser sustentar critérios.

Os critérios humanos que orientam a tomada de decisão em ecossistemas mediados por IA podem ser compreendidos a partir de dois conjuntos complementares: critérios de ancoragem e critérios de expansão.

Os critérios de ancoragem são aqueles que preservam a decisão como um ato genuinamente humano, garantindo que ela tenha autoria, direção e responsabilidade atribuível. Sem esses critérios, decisões continuam sendo tomadas, mas deixam de ter um sujeito que as sustente.

Os critérios de expansão, por sua vez, são aqueles que permitem ao agente humano acompanhar a complexidade crescente dos ambientes mediados por IA, mantendo a



capacidade de avaliar, questionar e reinterpretar o que o sistema oferece. Sem eles, a decisão pode até ser sustentada, mas dificilmente será relevante diante de contextos em transformação.

Essa distinção não representa uma divisão rígida, mas um movimento complementar. Enquanto os critérios de ancoragem impedem a diluição da agência humana, os critérios de expansão permitem que essa mesma agência opere com qualidade em um ambiente ampliado pela inteligência artificial.

[05]

Critérios de Ancoragem

SEM ANCORAGEM, DECISÕES NÃO DEIXAM DE EXISTIR. ELAS APENAS DEIXAM DE TER DONO.

Os critérios de ancoragem formam o conjunto de princípios que preserva a decisão como um ato genuinamente humano, garantindo que ela tenha autoria, direção e responsabilidade atribuível a um agente identificável.

Na ausência desses critérios, as decisões continuam sendo produzidas pelos sistemas e fluxos que estruturam o ambiente organizacional. O que se perde, no entanto, é a capacidade de um agente reconhecer-se como origem e responsável pelo curso de ação adotado.



Responsabilidade

A IA PODE EXECUTAR DECISÕES.
MAS NÃO PODE RESPONDER POR ELAS.

> DIAGNÓSTICO

À medida que a inteligência artificial assume partes cada vez maiores da execução nos processos GHcriativos e decisórios, a relação entre quem delibera e quem responde pelas consequências tende a se tornar progressivamente difusa. A execução pode ser distribuída entre sistemas, agentes e fluxos automatizados, mas a consequência permanece vinculada ao sujeito que iniciou e orientou o processo. [5.1]

“A IA generativa sempre parte de uma demanda humana.”

CAMILO BARROS

> TENSÃO

O risco não está na ausência de decisão, mas na ausência de autoria.

Quando a recomendação emerge do sistema e a validação humana se torna superficial, a responsabilidade deixa de ser claramente assumida, diluindo-se ao longo das etapas do processo. [5.1]

“A IA funciona como um cão-guia:orienta o caminho, mas a decisão continua sendo minha.”

THIERRY MARCONDES

> IMPLICAÇÃO

Em ambientes mediados por IA, a responsabilidade precisa ser definida desde o início. Isso implica separar com clareza recomendação e decisão, tornar visível quem valida e quem assume consequências e garantir que a IA opere como extensão da agência humana, e não como substituta da instância responsável. [5.4, 5.7]

Intenção

SEM INTENÇÃO, A DECISÃO CONTINUA EXISTINDO. MAS PERDE DIREÇÃO.

> DIAGNÓSTICO

A intenção é o elemento que orienta a decisão antes mesmo de sua formulação. Sistemas de inteligência artificial operam a partir de instruções e otimização de respostas, sem capacidade de formular propósito próprio ou avaliar o impacto de longo prazo do que produzem. [5.1]

> TENSÃO

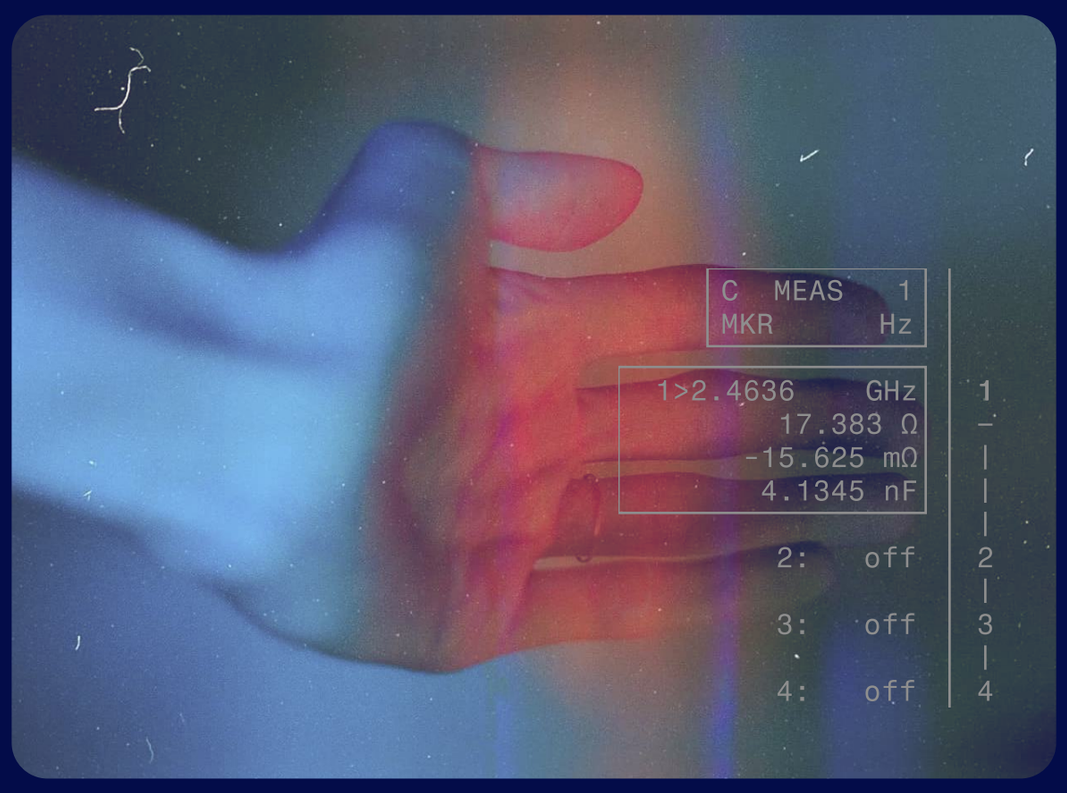
Quando a intenção não é definida previamente pelo agente humano, as decisões passam a seguir a lógica do sistema, e não a lógica do significado. O risco não é apenas gerar respostas inadequadas, mas orientar o processo a partir de critérios implícitos e não questionados.

> IMPLICAÇÃO

A intenção precisa preceder a interação com a IA. Em contextos criativos e decisórios, definir critérios antes de explorar possibilidades torna-se uma condição essencial para preservar direção e evitar que o processo seja conduzido pela lógica do algoritmo.

“A criatividade é o nosso core e precisa permanecer sob nosso controle.”

STELA PAGAN



[06]

Critérios de Expansão

A IA AMPLIA RESPOSTAS.
MAS EXPÕE A NECESSIDADE
DE DISCERNIMENTO.

Enquanto os critérios de ancoragem garantem que a agência humana seja preservada no processo decisório, os critérios de expansão permitem que essa mesma agência acompanhe a complexidade crescente dos ambientes mediados por IA.

Nesse contexto, a inteligência artificial funciona como uma plataforma de ampliação cognitiva, permitindo que pessoas e organizações lidem com volumes de informação e velocidades de mudança que ultrapassam os limites do processamento humano.

Esse avanço, no entanto, impõe uma nova exigência: quanto mais a IA amplia respostas, maior se torna a necessidade de avaliar sua qualidade. Isso implica reconhecer suas limitações, seus vieses e os contextos em que sua aplicação agrega valor real à decisão.

Sem esse discernimento, a expansão de possibilidades não se traduz em melhores decisões, mas em uma sensação de profundidade que nem sempre se sustenta.

Adaptabilidade

A IA OTIMIZA RESPOSTAS. O HUMANO REDEFINE PERGUNTAS.

> DIAGNÓSTICO

Sistemas de inteligência artificial operam com elevada eficiência dentro de parâmetros definidos, otimizando respostas a partir de estruturas previamente estabelecidas. A adaptabilidade humana, por sua vez, está na capacidade de revisar esses próprios parâmetros e reconfigurar o problema.

> TENSÃO

À medida que a IA entrega respostas com maior rapidez e qualidade aparente, reduz-se o impulso de questionar o enquadramento inicial. O risco não está na execução, mas na permanência em estruturas que já não correspondem ao problema real.

Essa distinção torna-se ainda mais relevante em um mercado de trabalho em transformação. Dados apresentados no Microsoft New Future of Work Report 2025 indicam que funções que exigem habilidades no uso de IA têm quase o dobro de probabilidade de também demandar pensamento analítico, resiliência, ética e literacia digital [5.1], evidenciando que a competência técnica no uso de ferramentas não é suficiente por si só.

Esse cenário ganha ainda mais profundidade quando observada a percepção das gerações que ingressam no mercado de trabalho. Entre as habilidades que a Geração Z considera prioritárias para atuar com IA estão a criatividade, a curiosidade e o pensamento crítico [5.10], competências diretamente associadas à capacidade de questionar o enquadramento de um problema.

> IMPLICAÇÃO

A adaptabilidade deixa de ser uma resposta passiva à mudança e passa a ser uma capacidade ativa de intervir sobre a lógica que estrutura os desafios.

Mais do que operar ferramentas, torna-se essencial desenvolver a capacidade de questionar o que está sendo resolvido e em quais termos a solução está sendo construída.



Contexto

A IA LÊ DADOS. O HUMANO LÊ O CONTEXTO.

> DIAGNÓSTICO

A inteligência artificial é capaz de processar grandes volumes de dados explícitos, mas isso não garante acesso ao que é relevante em uma situação específica. O contexto depende de variáveis implícitas, relacionais e situacionais que não estão integralmente representadas nos dados disponíveis [5.1].

> TENSÃO

A precisão factual pode coexistir com inadequação contextual. O risco não está em obter informações incorretas, mas em tomar decisões baseadas em dados que, embora tecnicamente corretos, não correspondem ao momento, à dinâmica ou à intenção da situação analisada.

Essa lacuna entre o dado disponível e o contexto real evidencia um limite estrutural dos sistemas de IA, que operam sobre o que é explicitamente codificado, mas não sobre o que precisa ser interpretado [5.8].

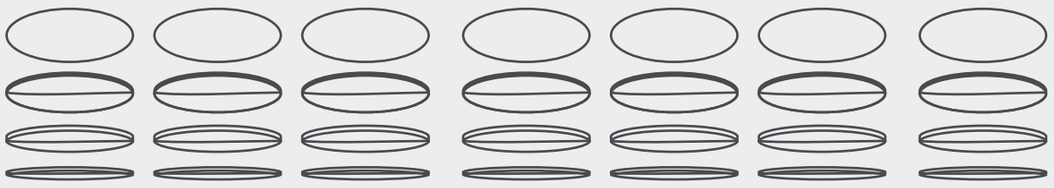
“A diferença de um modelo mecânico para um modelo humano é que este tem diferentes camadas de compreensão e acima de tudo contexto.”

GABRIEL LOPES

> IMPLICAÇÃO

O julgamento humano permanece responsável por interpretar o que não está explicitamente presente nos dados. Em ambientes mediados por IA, a leitura de contexto torna-se um diferencial crítico para atribuir sentido, relevância e adequação às respostas geradas.

Relações e Confiança



CONFIANÇA NÃO É OUTPUT.
É CONSTRUÇÃO.

> DIAGNÓSTICO

A confiança é construída ao longo do tempo por meio de relações, reputação e histórico compartilhado. Sistemas de IA operam sobre dados estruturados e não capturam integralmente dimensões como vínculo, intenção percebida e qualidade relacional.

> TENSÃO

À medida que decisões passam a ser mediadas por sistemas que priorizam eficiência e processamento de dados, cresce o risco de reduzir relações a variáveis objetivas, ignorando elementos fundamentais que sustentam decisões de alto valor. Em contextos organizacionais, isso pode levar a decisões tecnicamente corretas, mas relacionalmente frágeis ou inadequadas [5.5, 5.11, 5.12].

“Uma decisão não é feita só com dados. Ela envolve reputação, o histórico das relações e o quanto você conhece as pessoas envolvidas. Isso tudo é contexto humano.”

CAMILO BARROS

> IMPLICAÇÃO

A automação deve ser compreendida como suporte analítico, e não como substituição do julgamento relacional. Preservar espaços de interação humana e reconhecer o papel da confiança como critério decisório torna-se essencial para decisões que envolvem risco, reputação e colaboração.

Experiência

A IA SIMULA CENÁRIOS.
O HUMANO VIVE CONSEQUÊNCIAS.

> DIAGNÓSTICO

A experiência humana é construída a partir de vivências cujas consequências foram efetivamente sentidas ao longo do tempo. A IA opera sobre simulações e inferências, sem acesso direto ao impacto real das decisões em contextos complexos e dinâmicos.

"A IA é uma máquina de inferência e não de uma máquina de respostas."

GABRIEL LOPES

> TENSÃO

Essa diferença se torna visível na forma como profissionais experientes e iniciantes se relacionam com as ferramentas de IA. Quem tem trajetória consolidada utiliza a IA como instrumento de refinamento e amplificação do que já domina. Quem está no início de carreira ganha volume de ideias, mas não consegue fechar a lacuna em novidade, qualidade e refinamento que só a experiência acumulada produz. Ter acesso à ferramenta não equivale a saber extrair valor estratégico dela [5.1, 5.11].

O risco, nesse contexto, está em confundir capacidade de geração com capacidade de julgamento, substituindo discernimento por plausibilidade técnica e tomando decisões que parecem consistentes, mas não se sustentam diante da complexidade real.

> IMPLICAÇÃO

À medida que as capacidades de simulação avançam, o que permanece insubstituível é a capacidade de questionar o próprio modelo, reconhecer o

que os dados não capturam e sustentar posições ancoradas em padrões que só se tornam legíveis após anos de exposição a um setor.

Há dilemas estruturais que não podem ser resolvidos apenas por inferência ou otimização, e para os quais não existe uma resposta objetiva que possa ser simplesmente atribuída a um sistema.

Nesse contexto, a experiência deixa de operar como complemento à inteligência artificial e passa a atuar como o critério a partir do qual seus resultados adquirem ou perdem sentido dentro de uma jornada decisória complexa [5.8, 5.12].

Síntese

NA ERA DA IA, CRIATIVIDADE NÃO É GERAR MAIS IDEIAS. É SUSTENTAR CRITÉRIOS PARA ESCOLHER MELHOR ENTRE ELAS.

Tomar decisões em contextos mediados por inteligência artificial exige um duplo movimento: preservar os critérios que dão solidez às escolhas e, ao mesmo tempo, desenvolver novos critérios capazes de lidar com ambientes cada vez mais complexos.

Evidências empíricas reforçam essa distinção. Profissionais de alto desempenho obtêm ganhos expressivos ao utilizar IA em tarefas que estão dentro da capacidade dos modelos, mas apresentam resultados inferiores quando precisam atuar além dessa fronteira, justamente porque a ausência de critério próprio impede a identificação dos limites do sistema [5.12].

Esse deslocamento também se manifesta na forma como avaliamos a criatividade. Em determinadas condições, avaliadores humanos tendem a atribuir menor valor a artefatos produzidos com IA, não pela qualidade do resultado em si, mas pela percepção de que houve menor esforço ou intencionalidade no processo [5.7].

Esse viés não é uma distorção isolada. Ele revela a fragilidade dos critérios implícitos com que julgamos produções mediadas por sistemas inteligentes e reforça a necessidade de torná-los mais conscientes, explícitos e independentes da origem do artefato avaliado.

Nesse contexto, a dimensão mais estratégica da criatividade deixa de estar na capacidade de gerar volume e passa a residir na competência de sustentar e refinar os critérios que orientam a escolha qualificada entre possibilidades, agregando valor exatamente onde a automação encontra seus limites.

Em diferentes relatos ao longo da pesquisa, observamos decisões sendo validadas com base na recomendação da IA, sem revisão explícita das premissas que as sustentam. Esse tipo de recorrência reforça que os deslocamentos discutidos até aqui já se manifestam de forma concreta na prática cotidiana das organizações.

[07]

Padrões emergentes

Os elementos apresentados até aqui não operam apenas no plano conceitual. Eles já se manifestam de forma recorrente na maneira como decisões vêm sendo construídas em ambientes mediados por inteligência artificial.

A partir das evidências coletadas ao longo do estudo, foi possível identificar padrões emergentes que traduzem, na prática, como esses deslocamentos se materializam no cotidiano organizacional.

Mais do que exceções, esses padrões indicam movimentos consistentes de transformação nos critérios humanos de decisão.

Cada padrão é analisado a partir de três dimensões complementares: o fenômeno, que descreve o que pode ser observado; o mecanismo, que explicita as dinâmicas que sustentam esse comportamento; e a resposta, que aponta as práticas e posturas necessárias diante desse cenário.



[1]

Decisão sem autor

A DECISÃO ACONTECE.
MAS NÃO HÁ QUEM A SUSTENTE.

> FENÔMENO

Quando a recomendação passa a emergir do sistema e a validação humana se torna superficial, instala-se uma zona de ambiguidade na qual a responsabilidade não é claramente assumida por nenhum agente, humano ou artificial.

No contexto organizacional, essa diluição da autoria decisória se manifesta de forma especialmente crítica quando os processos assistidos por inteligência artificial passam a operar em escala, permitindo que decisões sejam executadas sem que haja um agente identificável disposto a assumir suas consequências.

> MECANISMO

À medida que a IA assume etapas do processo, o agente humano tende a recuar da deliberação ativa e assumir uma posição de validação passiva que, na prática, não configura autoria nem sustenta responsabilidade [5.1].

Esse movimento não é apenas operacional, mas também cognitivo. O aparato neurológico humano é naturalmente orientado à economia de energia, e a disponibilidade de sistemas que antecipam, sugerem e estruturam respostas potencializa essa inclinação, reduzindo o exercício do senso crítico precisamente nos momentos em que ele seria mais necessário [5.8, 5.9].

> RESPOSTA

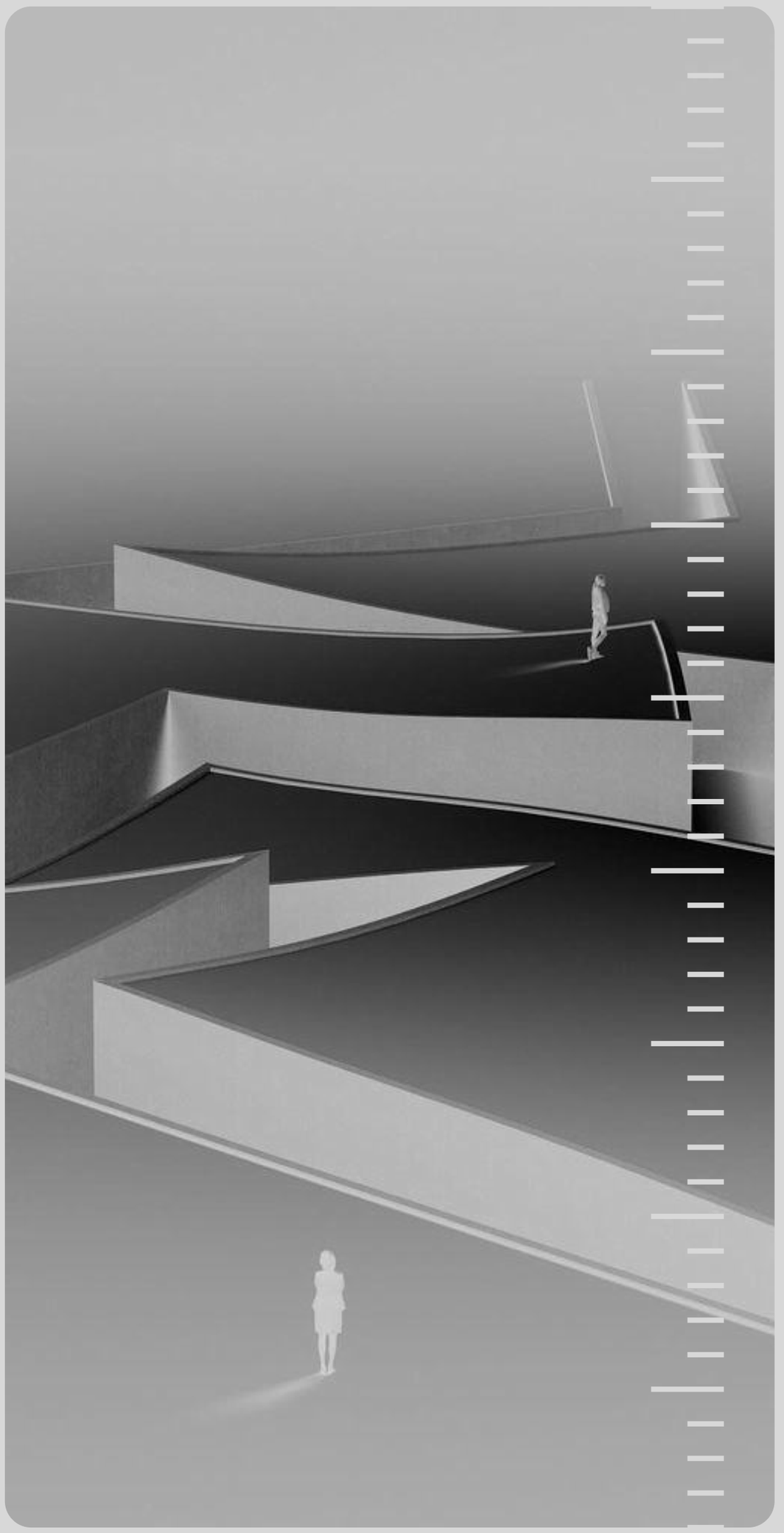
A responsabilidade precisa ser definida antes do início do processo, e não apenas como reação a falhas. Em contextos mediados por IA, isso deixa de ser uma boa prática e passa a ser uma condição para o uso responsável da tecnologia [5.1].

Torna-se igualmente estratégico tornar visível quem valida e quem assume consequências, separando com clareza recomendação e decisão e estabelecendo transparência sobre o papel da inteligência artificial em cada etapa do processo.

A IA pode preparar análises, sugerir caminhos e identificar padrões. A decisão, no entanto, permanece com quem assina [5.4, 5.7].

> SÍNTESE

A DECISÃO ESCALA.
A RESPONSABILIDADE SE DILUI.



[2]

Curadoria como nova autoria

CRIAR DEIXA DE SER GERAR. E PASSA A SER ESCOLHER COM CRITÉRIO.

> FENÔMENO

À medida que a inteligência artificial amplia o espaço de possibilidades criativas, o papel humano no processo de produção se desloca da geração para a seleção. A autoria passa a se manifestar como uma prática essencialmente curatorial, na qual a qualidade do julgamento se torna mais determinante do que a capacidade de execução técnica [5.7].

> MECANISMO

A autoria não desaparece. Ela muda de lugar. Se antes se expressava no ato de gerar, passa a se concentrar no ato de escolher com critério, intenção e consciência dos próprios objetivos [5.7].

Esse deslocamento tem implicações estratégicas relevantes. A abundância de opções geradas por sistemas de IA tende, na ausência de critérios claros de seleção, a produzir soluções genéricas e pouco relevantes, resultando em superficialidade criativa e dispersão de intenção [5.12].

> RESPOSTA

Definir critérios antes de explorar possibilidades deixa de ser uma etapa opcional e passa a ser condição para a qualidade do processo criativo.

Em ambientes mediados por IA, avaliar opções com base em intenção, e não apenas em qualidade técnica aparente, torna-se tão relevante quanto a própria capacidade de geração [5.7].

> SÍNTESE

ABUNDÂNCIA SEM CRITÉRIO NÃO GERA CRIATIVIDADE. GERA SUPERFICIALIDADE

[3]

O paradoxo da otimização

OTIMIZAR NÃO GARANTE RELEVÂNCIA. APENAS EFICIÊNCIA DENTRO DO QUE JÁ FOI DEFINIDO.

> FENÔMENO

Em pesquisa conduzida por Dell'Acqua et al., profissionais que utilizaram sistemas de IA completaram mais tarefas, com maior velocidade e qualidade superior. No entanto, ao serem confrontados com desafios que exigiam leitura contextual e integração de múltiplas fontes, apresentaram desempenho inferior ao grupo de controle.

O resultado evidencia um deslocamento crítico: a IA melhora a execução, mas pode comprometer o diagnóstico, produzindo respostas mais coerentes e persuasivas mesmo quando o problema está mal formulado ou a solução é incorreta [5.12].

> MECANISMO

Ao operar dentro de parâmetros definidos, a IA maximiza o desempenho sem necessariamente questionar se esses parâmetros ainda correspondem ao problema correto. A excelência na execução pode, assim, coexistir com uma orientação equivocada no nível do diagnóstico [5.12, 5.14].

O risco não está na qualidade da resposta, mas na ausência de questionamento do problema que a orienta. Quando a IA passa a entregar soluções de forma eficiente, o impulso de revisar premissas diminui, aumentando a probabilidade de trabalhar sobre problemas mal definidos ou desatualizados [5.1].

> RESPOSTA

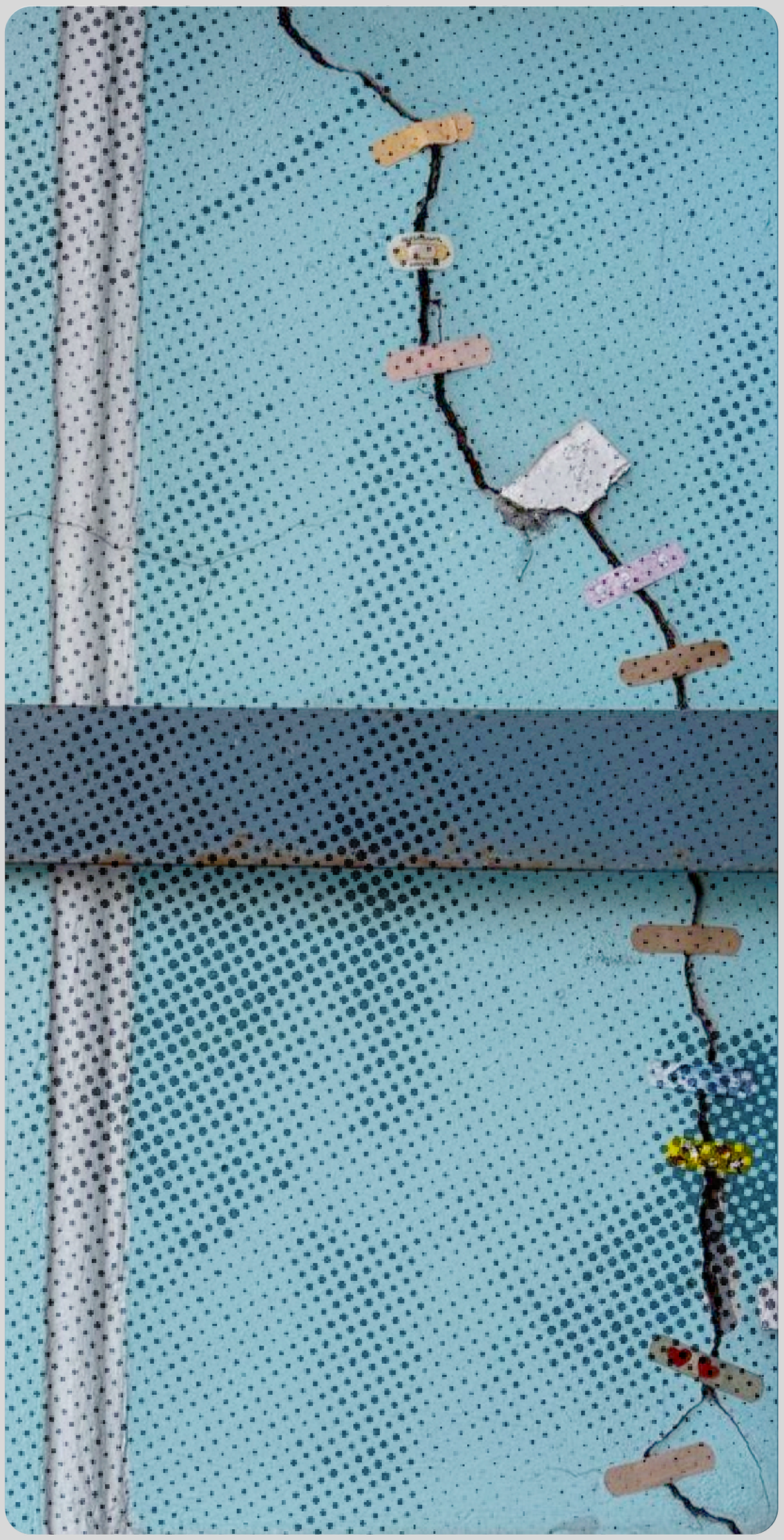
Revisar o problema deixa de ser uma etapa inicial e passa a ser uma prática contínua.

Em contextos mediados por IA, torna-se essencial incorporar momentos deliberados de pausa para reinterpretação, validar periodicamente se o problema formulado ainda corresponde ao problema real e criar espaços institucionais para o questionamento dos próprios parâmetros que orientam a decisão.

A IA amplia a capacidade de execução. A validação do problema, no entanto, permanece como responsabilidade inegociável do julgamento humano.

> SÍNTESE

RESOLVER MELHOR O PROBLEMA ERRADO CONTINUA SENDO ERRO.



[08]

Fechamento

O avanço da inteligência artificial não elimina a participação humana nas decisões, mas redefine as condições em que ela acontece. O debate deixa de ser sobre substituição e passa a ser sobre a qualidade da interação entre pessoas e sistemas.

O maior risco não é a IA decidir no lugar do ser humano, mas o ser humano abrir mão, progressivamente, dos critérios que tornam uma decisão genuinamente sua, em troca de velocidade e eficiência.

Nesse contexto, o diferencial não será o acesso às ferramentas, mas a capacidade de sustentar critérios ao utilizá-las, mantendo responsabilidade, leitura de contexto e consciência sobre as implicações de cada escolha.

A IA amplia a capacidade de executar.
Sustentar critérios passa a ser o que define a qualidade da decisão.

[09]

Referências

[5.1] Microsoft New Future of Work Report. 2025

[5.4] MONDIACULT Report of the Independent Expert Group on Artificial Intelligence and Culture. 2025.

[5.5] KIM, Teddy. Summary of UNESCO AI and the Future of Education. 2026.

[5.7] MAGNI et al. Humans as Creativity Gatekeepers: Are We Biased Against AI Creativity?. 2023.

[5.8] VALIN, Tassiane. Sedentarismo cognitivo: impactos da IA na cognição humana. 2025.

[5.9] CASTRO et al. A criatividade humana e o desafio da IA. 2024.

[5.10] SÁIZ et al. (EY) How can we upskill Gen Z as fast as we train AI?. 2024.

[5.11] WANG et al. Exploring creativity in human–AI co-creation: a comparative study across design experience. 2025.

[5.12] DELL'ACQUA et al. Navigating the Jagged Technological Frontier: Field Experimental Evidence of the Effects of Artificial Intelligence on Knowledge Worker Productivity and Quality. 2026.

[5.14] TANKELEVITCH et al. Understanding, Protecting, and Augmenting Human Cognition with Generative AI: A Synthesis of the CHI 2025 Tools for Thought Workshop. 2025.

[10]

Lista de entrevistados

- **Alice Monteiro**: Engenheira ambiental, especialista em ESG e fundadora da Move.e.
- **Camilo Barros**: Fundador da plataforma de inovação Institute for Tomorrow, atua com consultoria para adoção de novas tecnologias, letramento e governança em grandes corporações.
- **Cid Torquato**: Consultor especializado e referência em acessibilidade, atuando como coordenador de núcleos de inovação e inclusão na USP e na ESPM.
- **Edna dos Santos**-Duisenberg: Referência global no estudo da economia criativa, vice-presidente da Organização Mundial da Criatividade.
- **Gabriel Lopes**: Cientista da computação, cofundador da Empathy, professor de pós-graduação no Instituto Mauá e diretor na Câmara de Comércio Brasil-Canadá.
- **Marcos Barretto**: Engenheiro, empreendedor e professor aposentado da Poli-USP que hoje dirige o Instituto Minerva e lidera grandes equipes de desenvolvimento de software.
- **Rafael Meschiatti**: Senior Customer Success na Adobe e professor na ESPM.
- **Stela Pagan**: COO do estúdio de tecnologia criativa 20Dash.
- **Thierry Cintra Marcondes**: Engenheiro mecânico, conselheiro, LinkedIn Top Voice e pessoa com deficiência que atua como conector de impacto nas áreas de inovação e acessibilidade

O CENTRO

Internacional de Criatividade e IA Aplicada

ioasys

world creativity organization

2026